

O mito no ensino de história: impressões e apontamentos**The myth in the teaching of history: impressions and notes**

Homero Higor Lima Ramos*
Vinícius de Paula Ferreira**
Regina Celi Frechiani Bitte***

235

Resumo: Este artigo trata da narrativa mítica e do conceito de mito, ressaltando suas possibilidades de uso e relevância no ensino de História. A análise se realizou com base nas experiências ocorridas nas disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado do curso de História da Universidade Federal do Espírito Santo e na prática docente desenvolvida por nós até a presente data. O objetivo foi trabalhar a importância da narrativa mítica na história de determinadas sociedades. Como resultado, foi possível observar maior participação dos alunos nos debates e atividades realizadas em sala de aula, reverberando de forma positiva a sensibilidade e o senso crítico no aprendizado.

Palavras-chave: Ensino de História; Mito; Sociedades.

Abstract: This article deals with the mythical narrative and the concept of myth, highlighting their possibilities of use and relevance in the teaching of History. The analysis was carried out based on the experiences that have occurred in the discipline of Supervised Curricular Internship of the History course, attended at the Federal University of Espírito Santo and in the teaching practice developed by us until the present date. The objective was to work on the importance of the mythical narrative in the history of certain companies. As a result, it was possible to observe a greater participation of students in the debates and activities carried out in the classroom, positively reverberating the sensitivity and critical thinking in the process of learning.

Keywords: History teaching; Myth; Societies.

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Ufes (PPGHis/Ufes). E-mail: iniciuspaula10@hotmail.com

** Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Ufes (PPGHis/Ufes). E-mail: "homeroramos16@gmail.com"

*** Doutora em Educação e Professora do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação na Universidade Federal do Espírito Santo- Ufes. E-mail: reginabitte@yahoo.com.br

Recebido em 22/02/2022

Aprovado em 16/04/2022

Sistema de Avaliação: Double Blind Review



INTRODUÇÃO

A prática docente apresenta desafios que impelem o professor a estar sempre atento às demandas do ofício, com vistas ao melhor desenvolvimento do aluno e à construção do conhecimento. Em se tratando de nossa área específica, surge a reflexão sobre como abordar o conteúdo histórico de maneira diversificada, diligente com outros campos além do político e econômico, mas em relação com estes, criando caminhos e problematizações que demonstrem que, mesmo tendo o passado como objeto de sua atenção especial, a História lida constantemente com o tempo presente.

Tendo como horizonte tal perspectiva, este artigo busca refletir a respeito da utilização da narrativa mítica no ensino de História. A análise se realizará levando em conta as experiências dos Estágios Supervisionados do curso de História da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), ocorridos em duas escolas públicas situadas na cidade de Vitória-ES, ocorridos entre 2018 e 2019, e nas aulas ministradas em escolas da Prefeitura Municipal da Serra-ES, e do estado do Espírito Santo, na cidade de Viana, onde atuamos como regentes desde 2020. A metodologia aplicada no período da graduação continua fazendo parte de nossa prática pedagógica, sendo desenvolvida em escolas que têm como público-alvo alunos do Ensino Médio e dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

No primeiro momento, faremos uma abordagem teórica acerca do conceito de mito, para que haja melhor compreensão de suas definições, significados e utilizações ao longo dos tempos. É importante registrar a amplitude que o conceito carrega consigo e, por isso, a gama de entendimentos possíveis a seu respeito, a depender do espaço-tempo em que estiver inserido; no segundo momento, mencionaremos como os mitos podem ser trabalhados em sala de aula, salientando que não se trata de simples estórias; no terceiro momento, traremos a experiência das aulas práticas, que consistiram em integrar a narrativa mítica com a análise de dois períodos distintos, a saber, o mito da fundação de Roma e os mitos de criação e manutenção do mundo na civilização Azteca; por último, nossas considerações finais.

Ainda como conteúdo introdutório, gostaríamos de ressaltar que a narrativa mítica, em suas múltiplas facetas, tem conferido sentido à humanidade no decorrer dos séculos. Nas variadas culturas, nos mais diversos recortes históricos, pode-se identificar uma série de questionamentos feitos pelos povos. Dentre eles, “Qual a origem do mundo?” ou “Para onde vamos quando morremos?”. O mito nasce, também, da tentativa de encontrar respostas para

perguntas como essas. Assim, foram criadas narrativas que extrapolam estruturas de tempo e localidade, e que, por isso, podem fixar-se em diferentes culturas ao serem transmitidas de geração em geração.

1. MAS AFINAL, O QUE É O MITO?

A palavra mito tem origem grega, *mythos*, e deriva dos verbos *mytheto* e *mytheo*, que possuem, em linhas gerais, o sentido de contar, conversar, anunciar ou narrar algo.

Não raro, define-se mito como oposto ao verdadeiro, uma história inventada, algo cuja distância torna-o inimaginável nas civilizações contemporâneas. Na visão popular, convencionalmente, a narrativa mítica é reduzida a crenças antigas ou superstições. Porém, para compreender esse fenômeno, é necessário despir-se de algumas noções, por exemplo, a de que o mito pertence a uma estrutura rudimentar de pensamento. Faz-se mister aprofundar-se um pouco mais em sua conceituação, para que se perceba a complexa ação do mito na cultura, orientando o pensar, o sentir e o agir.

Segundo André Reinke (2019, p.29), “o mito é, acima de tudo, uma forma de linguagem e de conhecimento que reconhece realidades não inteligíveis pelos processos racionais e nem pela metodologia das ciências exatas”. Desse modo, nada tem a ver com um engodo ou uma ilusão infantil. Coloca-se como uma forma de dotar o mundo de sentido por meio de explicações que escapam ao puro racionalismo.

Ainda de acordo com o historiador e teólogo,

não se trata de uma mentira ou um delírio imaginativo: o *mythos*, assim como o *logos*, expressa uma imagem do mundo como caminho alternativo à razão. O mito alerta para uma realidade transcendente, situada além do que pode ser percebido pelos sentidos, impelindo quem o experimenta a saltar do plano existencial para o das essências. Ele busca as verdades mais profundas e invisíveis da realidade. Por isso, é tão necessário na cultura (REINKE, 2019, p.29).

Para as civilizações antigas, o mito, que estava baseado na tradição oral, remetia-se ao sagrado e cumpria a tarefa de dar resposta aos questionamentos, inquietudes e anseios presentes, tais como as origens do universo, do homem, das divindades, dos astros e dos fenômenos naturais. “O que não se pode explicar pela razão e pelo saber disponível é compensado pelos mitos ou pelo sobrenatural” (ROCHA, 2017, p.2). Para além de histórica, sua função é igualmente psicológica, pois busca organizar comportamentos, mentalidades e compreensão da

existência, situando os indivíduos no tempo e espaço em que estão inseridos. O mito surge, portanto, da necessidade de se explicar o inexplicável, de se tocar o intangível, numa empreitada de semantização do mundo, de harmonização entre a humanidade e o cosmos num todo lógico e estruturado.

A mitologia não era apenas parte da realidade existente, um elemento passível de ser bem delimitado, recortado e investigado, mas sim a própria realidade em sua concretude, dizia respeito à vida em sua totalidade. Ademais, a narrativa espetacular, que se remontava a tempos longínquos e inalcançáveis,

(...) não se originava mais de um exercício contemplativo frente às forças naturais e sim de um exercício de crônica frente aos episódios históricos. O mito como relato e a mitologia como conjunto de episódios históricos efetivamente acontecidos. O mito visto literalmente como registro da história. Não só se difundia historicamente, ele era a própria história (ROCHA, 1996, p.5).

Dessa forma, o mito desempenhava para esses povos um papel moral, com a propriedade de organizar e articular, traçando modelos e padrões de comportamento, definindo o que era socialmente permitido e proibido. Em outros termos, o mito assumia a posição de guia para o funcionamento da sociedade. Marilena Chauí (2000, p.377) revela que “os mitos capturam o tempo e oferecem explicações satisfatórias para todos sobre o presente, o passado e o futuro”.

A esse respeito, informa Rocha (1996):

O mito é, pois, capaz de revelar o pensamento de uma sociedade, a sua concepção da existência e das relações que os homens devem manter entre si e com o mundo que os cerca. Isto é possível de ser investigado tanto pela análise de um único mito quanto de grupos de mitos e até mesmo da mitologia completa de uma sociedade (ROCHA, 1996, p.5).

Por conta de seu impacto na vida privada e coletiva, o mito pode ser caracterizado como patrimônio cultural de uma sociedade, logo, está diretamente ligado à identidade de um povo. A mitificação do passado garante a unidade da comunidade no presente e projeta o seu futuro, visto que legitima a realidade descrita no processo de construção da memória histórica. Os mitos, participantes dessas construções identitárias, formam uma consciência pública que possui dinâmica e vigor, pois incorpora os fundamentos da vida e das culturas, criando redes de sociabilidade. Além disso, une indivíduos e grupos, atribuindo-lhes propósito e significado, fornecendo a eles uma visão de mundo e um universo a partir do qual possam se comunicar e coexistir, se entender e também ser percebidos por outros.

Nesse sentido,

(...) o mito não pertence à ordem subjetiva ou pessoal, mas sim objetiva e geral, ou seja, é um construto e uma propriedade comum de um povo historicamente e geograficamente localizado que ajuda a construir e a reforçar a identidade grupal, pois, apontando os valores mais altos e as crenças mais sagradas de um povo, englobando todos os aspectos que definem uma visão de mundo (ROCHA, 2017, p.11).

Assim, a partir da pesquisa sobre o mito, das discussões suscitadas nas disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado, com vistas às diferentes metodologias para se trabalhar o processo de ensino/aprendizagem, das observações participativas realizadas nas escolas-campo e dos conteúdos programáticos previstos em nossos planos de ensino, optamos por trabalhar os assuntos relacionados aos mitos em nossas regências em sala de aula, com o objetivo de que o aluno compreenda os conteúdos de História, tendo essa temática como disparadora.

239

2. PENSANDO E PLANEJANDO: COMO TRABALHAR O MITO NA SALA DE AULA

A sala de aula se apresenta como um ambiente de diversidade e pluralidade de ideias, lugar que desperta interesses singulares, anseios pelo aprender; porém, esse mesmo espaço pode ser palco de indiferença e desmotivação. O professor exerce o papel de mediador, coloca-se como elo entre o estudante e o conhecimento específico; entretanto, o ensinar-aprender se efetiva quando professor e aluno trabalham conjuntamente, empenhados para que esse processo ocorra. Se, como afirmamos, o professor é o mediador, é de sua alçada criar estratégias, trazer problematizações à tona, avaliar e acompanhar o desempenho dos estudantes, observar as necessidades coletivas e individuais, expandindo sua ação por meio de metodologias de ensino que rompam com padrões que se mostrem pouco eficazes.

Como assevera Circe Bittencourt (2012),

o professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber fazer, o saber fazer bem, lançar os germes do histórico. Ele é responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vistas. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas, procurando transformar, em cada aula de História, temas em problemática (BITTENCOURT, 2012, p. 57).

Nesse sentido, trabalhar a mitologia em sala de aula parte de diversas frentes e possibilidades que objetivam o incentivo à criticidade por parte do aluno, dando vazão aos

questionamentos, a fim de aguçar a curiosidade e despertar maior interesse pela aprendizagem, uma vez que “a sala de aula não é apenas um espaço onde se transmitem informações, mas onde uma relação de interlocutores constrói sentidos” (BITTENCOURT, 2012, p.57).

Dentre essas diversas possibilidades, podemos trabalhar com os mitos destacando que muitos deles são redigidos em linguagem não convencional, portanto, o contato com essa narrativa já expõe o estudante a algo novo e o convoca a um esforço interpretativo, além de ampliar seu vocabulário pela proximidade com variados léxicos.

Outra possibilidade, juntamente com a interpretação de textos, é a análise iconográfica, que se configura uma valiosa ferramenta a ser utilizada como recurso pedagógico. Conforme Sandra Pesavento (2008, p.100), “(...) imagens são, sobretudo, ações humanas que, através da história, empenham-se em criar um mundo paralelo de sinais. São, pois, representações da realidade que se colocam no lugar das coisas, dos seres humanos e dos acontecimentos do mundo”. Os elementos que compõem a linguagem visual – como nos casos em tela, imagens de deuses e outras figuras míticas – não são fortuitos, os traços culturais e artísticos dos povos refletem um imaginário, as representações de um mundo social que é construído ao mesmo tempo em que se constrói.

Portanto, essa abordagem estimula a cognição, a percepção, a sensibilidade, a memória e o senso crítico, porque toda imagem reflete um ponto de vista, uma interpretação do concreto, um discurso que foi concebido, uma mensagem a ser reverberada; há uma condição e uma intenção específicas para que o que foi retratado o fosse daquela maneira.

A partir do exposto, pensamos que a aula possa ser iniciada investigando as crenças junto aos alunos. O professor pode organizar uma série de perguntas. Por exemplo: “Como o mundo surgiu? Como são os deuses? De onde eles vieram? Como surgiu a humanidade? Por que existe o mal no mundo? O que acontece após a morte?”. Também poderá perguntar sobre narrativas mitológicas: “Você já ouviu falar em mitologia, em mito ou em heróis mitológicos? Conhece alguma história mítica? Já assistiu a algum filme baseado em mitologia?”.

É provável que muitos se assumam como portadores de crenças religiosas. É nesse momento que se deve indagar: “Quem lhes informou acerca dessa(s) crença(s)? Como sabem que essa é, de fato, a religião verdadeira? Vocês já viram o deus em que creem?”.

De forma alguma esses questionamentos devem criar conflitos em sala de aula. Não é função do professor refutar religiões ou crenças, a fim de atribuir descrédito ao que os alunos creem, mas levá-los a compreenderem que, assim como suas crenças influenciam em suas

percepções de mundo, conferem a elas sentido, embora nunca tenham visto seus deuses de forma concreta, o mesmo acontecia com os povos antigos.

É possível, também, que se encontrem grupos de alunos que se mostrem descrentes. Neste tempo em que há uma onda de rejeição à religiosidade formal, mas nem tanto à espiritualidade, muitas pessoas não cumprem ritos religiosos, entretanto, comumente, expressam a crença em signos, boas vibrações, no poder da palavra e do pensamento positivo ou na própria ação do Universo. Apesar de não expressarem a fé em uma divindade, essas pessoas continuam sob o espectro do sobrenatural incidindo sobre o natural.

Nossa intenção com esses exemplos não é rotular, tampouco, fazer uma generalização de indivíduos que se julguem descrentes. Apenas, de forma incipiente, demonstrar e problematizar, juntamente com os alunos, que crenças míticas, ou seja, que prescindem de comprovação científica, se fazem presentes na atualidade.

É a partir das contribuições trazidas em relação às suas interpretações sobre o mito que podemos vislumbrar a possibilidade de os alunos criarem ou adaptarem narrativas míticas sobre algum monumento ou casos do bairro/cidade onde moram. A intenção é que eles se valham do conhecimento apreendido sobre outros povos, em diferentes épocas e localidades, e o articulem com seu cotidiano, entrelaçando-o ao conhecimento regional/local, às especificidades e segredos do lugar onde vivem. Como conclusão das atividades, sugerimos a formação de uma roda para que cada um apresente sua narrativa, podendo ser por intermédio de contação de história, imagens, vídeos, peça teatral e outros. Apontamos também para a possibilidade do trabalho interdisciplinar. Citando breves exemplos, em se tratando de mitologia, mencionamos a Língua Portuguesa, para leitura e suporte na criação dos mitos, a Arte, para auxiliar nas ilustrações e apresentações, e a Geografia, ao informar acerca das questões cartográficas e espaciais.

São diversas as potencialidades da utilização do mito em sala de aula, dentre elas, proporcionar maior interação e desenvolvimento entre professores e alunos, além de estimular a imaginação, o talento e a criticidade do aluno em relação às diferentes cosmovisões existentes.

3. O MITO COMO MOTIVADOR NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: DEUSES E HERÓIS EM CLASSE

Entre 2018 e 2019, a organização das aulas ocorriam todas as terças-feiras pela manhã com a professora de campo, em seu horário de planejamento na escola, e à tarde com a professora responsável pela disciplina de Estágio Curricular Supervisionado. Na condição de professores-estagiários, propusemo-nos a trabalhar os mitos de criação de Roma e do mundo, segundo a civilização Azteca, com uma turma de Ensino Médio e outra dos anos finais do Ensino Fundamental, respectivamente, uma vez que os conteúdos – Roma Antiga e Povos Mesoamericanos – seguiram os cronogramas já definidos pelos professores-regentes, que se mostraram bem receptíveis à nossa ênfase e abordagem.

O objetivo geral das aulas ministradas foi o de compreender a mitologia como uma forma de valorização da tradição oral, que constitui sentidos e significados múltiplos para determinado grupo ou para toda a sociedade, por meio do compartilhamento de crenças e valores comuns, e não como uma mentira, uma invenção totalmente descolada da realidade. Conforme Mircea Eliade (2006), nas sociedades marcadas pela mitologia, essa narrativa não se apresentava como mera integrante da história, pelo contrário, era tida como a própria história daqueles povos. Portanto, o mito se revela como algo real para quem vive. Segundo o autor,

em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no Mundo. O mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma “história verdadeira”, porque sempre se refere a realidades (ELIADE, 2006, p.7).

3.1 ROMA ANTIGA

Dada a incumbência de iniciar o conteúdo sobre Roma Antiga, o planejamento foi pensado para duas aulas geminadas. Como introdução, foi realizada uma breve contextualização de Roma, destacando a região onde a cidade se desenvolveu, conhecida como Península Itálica, que foi dominada pelo povo etrusco, que estava estabelecido ao norte daquela localidade. Foi ressaltado que Roma situava-se em localidade de terras férteis, com clima ameno e chuvas constantes, o que favorecia a prática agrícola e a criação de gado. O recurso didático data show foi utilizado para explorar diversos mapas sobre a localização de Roma Antiga.

Em seguida, narramos o mito da criação de Roma. Porém, antes disso, foi ressaltado que existem poucos registros sobre sua fundação, já que os relatos mais antigos são de séculos posteriores a esse processo. Enquanto o mito era narrado, apresentamos aos alunos imagens,

ilustrações e mapas¹ para que melhor se orientassem. De forma resumida, a mitologia romana conta que:

(...) Alba Longa era governada pelo perverso Amúlio que usurpara os poderes do irmão Númitor. O tio usurpador obrigou Reia Silvia, sua sobrinha, a tornar-se Vestal, isto é, sacerdotisa guardiã do fogo sagrado, certificando-se assim de que seu irmão Númitor não teria descendentes. (...), Entretanto, o deus Marte, com seu poder divino, apodera-se da jovem Vestal a qual dá à luz os gêmeos Remo e Rômulo. Amúlio ordena que os gêmeos sejam afogados no rio Tibre, porém a correnteza rejeita o crime e o cesto flutuante, onde estavam as crianças de origem real, encalhou ao pé do monte Palatino. Encontrados pelo pastor Fáustulo, que os vê sendo amamentados com leite de uma loba, animal enviado por seu pai mitológico, que tinha a loba e o picanço como animais sagrados, os recolhe e, juntamente, com sua esposa Aca Larência acolhe e cria os meninos.

Aos dezoito anos, os gêmeos descobrem sua origem (...), destronam o tio usurpador e restituem ao trono albanense seu avô Númitor, já muito idoso. Amúlio tomba transpassado pela espada de Rômulo (...). Em seguida, os gêmeos, uma vez crescidos e vigorosos, partem para fundar um reino no local onde outrora foram recolhidos pelos pastores. As muralhas da nova cidade são construídas onde tinham existido uma floresta e um abrigo de rebanhos, mas a discórdia se instala entre os gêmeos, após uma consulta aos auspícios, isto é, observaram os pássaros para saber dos deuses quem deveria fundar a nova cidade e qual deveria ser o nome adotado. Rômulo sai vencedor, porém a ruptura entre os irmãos é inevitável. A violência marcará o nascimento da Urbe quando Remo, ultrapassando as pequenas muralhas que o irmão erguera no monte Palatino, é assassinado pelo irmão (LOPES, 2012, p.973-974).

Nesse sentido, a metodologia utilizada para trabalhar o mito de criação de Roma Antiga se deu, a princípio, na narrativa realizada pelos alunos-mestres, seguida da escuta a respeito das impressões que os alunos tiveram. Após a narração do mito, cedemos espaço para que os alunos dialogassem entre si e comentassem se havia sentido no que ouviram, que opinião tinham a respeito daquela história, enfim, que eles se tornassem protagonistas da aula.

Depois de fazermos a escuta atenta dos alunos, passamos para o segundo momento. Junto com eles, pensar, questionar e argumentar acerca da relação do mito com o imaginário coletivo das sociedades. De acordo com Mircea Eliade (2006), nas sociedades antigas, os mitos conferiam sentido a tudo que existia. Era por intermédio das mitologias que eram explicados os eventos da natureza, a criação dos seres humanos e afins. Os romanos, portanto, explicavam sua origem através dos mitos de deuses e heróis.

No terceiro momento, foi explicada aos estudantes a origem histórica de Roma, que, segundo a historiografia, resultou do convívio de diversos povos que habitavam a região da Península Itálica e mantinham pontos de contato. Dentre esses, destacam-se latinos, sabinos e

¹ A seguir, links para visualização das imagens utilizadas nas aulas:
<https://www.mitografias.com.br/2016/04/origem-lendaria-roma/>

etruscos, que possuíam como característica a economia baseada na atividade agrícola e pastoril, sistema político monárquico e religião politeísta.

Entendendo isso, percebe-se que a primeira versão, mitológica, confere a Roma uma origem heroica, de muita luta e derramamento de sangue; a versão histórica, apoiada pela Arqueologia, revela uma Roma criada a partir da fortificação de povos sabinos e latinos, que resistiram e lutaram contra a invasão dos povos etruscos, no entanto, foram dominados por estes últimos, que detiveram o controle da região no século VII a.C. De acordo com a historiografia, é a partir desses povos que surge, de fato, a civilização romana.

Após conhecerem as duas explicações originárias sobre a fundação de Roma, os alunos foram instigados a confrontá-las, encontrar os pontos de convergência e divergência, a interpretação das versões, de modo que atribuíssem sentido para aquela sociedade.

A tradição romana confere a Rômulo o título de seu primeiro rei, sendo que, junto dele, existiram mais seis reis lendários durante o período monárquico. A mitologia informa acerca de um Rômulo que assassinou seu irmão e se tornou rei, enquanto a versão histórica não nega um rei chamado Rômulo, que governou de 753-716 a.C., porém esse monarca não fazia parte de uma disputa de poder com seu irmão Remo, nem, por fim, o teria assassinado.

Ao trabalhar o mito da fundação e a história de Roma, tivemos por objetivo que os alunos percebessem que a mitologia carregava traços da história factual, era coerente com determinados acontecimentos, formando um amálgama capaz de unificar a coletividade em volta de uma identidade social, dando sentido e significado a uma sociedade de pastores que, no processo histórico, constroem o Império Romano.

3.2 CIVILIZAÇÃO AZTECA

Para introduzir o conteúdo, foram planejadas três aulas consecutivas e, na quarta, na semana seguinte, a confecção de um painel pelos alunos. Na primeira aula, foi feita a contextualização sobre os povos aztecas, que se fixaram no centro do atual México, no período pós-clássico, de 1300 a 1521, e incluíam diferentes grupos étnicos daquela localidade, que dominaram grandes partes da Mesoamérica, entre os séculos XIV e o XVI. A guerra se constituía em um traço marcante de sua cultura, levando em conta a importância da captura de guerreiros para a realização dos ritos sacrificiais que visavam à manutenção do mundo (SOUSTELES, 1990).

A cidade de Teotihuacán (Lugar dos deuses)², um dos principais centros urbanos da Mesoamérica, possuía grande relevância para os aztecas, pois se tratava de um local sagrado, onde havia sido criado o Quinto Sol ou Quinto Mundo. De acordo com a tradição, outras quatro gerações humanas foram destruídas por diferentes figuras e elementos, como Jaguares, Vento, Fogo e Água, e cada uma das destruições era compreendida como um Sol. Nessa primeira aula, foi realizada uma exposição dialogada com o recurso do data show para apresentar ilustrações.

Na segunda aula, começamos com as seguintes perguntas: “Vocês já ouviram falar em mitologia, mitos e heróis mitológicos? Conhece alguma história mítica? Já assistiu a algum filme baseado em mitologia?”. Após ouvirmos as respostas dos alunos, solicitamos que eles ficassem atentos à narração do mito de origem do mundo, ligado à cidade de Teotihuacán, que faz referência aos seus principais deuses, Quetzalcoatl (Serpente Emplumada) e Tezcatlipoca (Espelho Fumegante). Segue o relato transmitido:

- Havia um monstro que nadava em um lago do tamanho de tudo que existe. Certa feita, os deuses irmãos Quetzalcoatl e Tezcatlipoca estavam se divertindo na margem do lago e decidiram fazer uma brincadeira com o monstro. Tezcatlipoca colocaria o pé na água para atraí-lo, enquanto Quetzalcoatl iria por trás para prendê-lo. Entretanto, não houve tempo suficiente para Tezcatlipoca, e o monstro comeu sua perna. Assim, Tezcatlipoca colocou um espelho no lugar da perna que havia perdido, e por meio dele podia ver todas as almas do mundo. Apesar desse episódio, Quetzalcoatl conseguiu agarrar o monstro, então o entortou e fez o mundo. Porém, Tezcatlipoca não gostou da forma que o mundo tomou. Por isso, o destruiu, a fim de reamassar o monstro e fazer um novo mundo. Assim, o mundo ficou triste. Quando o viu desse jeito, Quetzalcoatl acendeu uma chama para alegrá-lo, e o mundo ficou feliz. Tezcatlipoca não gostou e destruiu a Terra. Desse modo, começou um ciclo eterno de destruição e reconstrução do mundo, resultado da disputa entre os dois.

O que se depreende dessa narrativa é que o destino do mundo está nas mãos dos deuses, mas sua origem advém do sacrifício do monstro, sendo esse sacrifício repetido em sua construção e reconstrução. Essa é uma das bases explicativas sobre a razão dos sacrifícios nessa

² A seguir, link para visualização das imagens utilizadas nas aulas:

<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/turismo/teotihuacan-mexico-historia-piramides-e-misterio,d08f27e74dbccdf70dd64b66d1182b3c3r5iuoqx.html>

sociedade. O Sol é representado pela chama que foi acesa, trazendo felicidade ao mundo, e o grande lago é contíguo ao Lago de Texcoco, situado no Vale do México.

Teotihuacán passou, então, por uma grande ruralização e novas tentativas de se urbanizar com a migração de diferentes grupos, até que os Mexicas, vindos do Norte, chegaram à região, por volta de 1300 a 1320. Os Mexicas trouxeram diversos simbolismos do seu principal deus: Huitzilopochtli (Beija-flor Canhoto ou do Oeste). O mito cosmogônico e a necessidade de ritos que envolviam sacrifícios têm nele um dos seus principais protagonistas. Vejamos o mito a seguir:

- No alto de uma montanha vivia a deusa Coatlicue. Num determinado dia, veio, trazida pelo vento, uma bola de pêlo, que entrou em sua garganta. Ao engoli-la, a deusa engravidou. Naquela altura, ela já tinha 400 filhos e uma filha. A filha não acreditou em sua história, e, revoltada, conclamou seus 400 irmãos para matarem Coatlicue por conta de seu comportamento inapropriado. Quando estava prestes a ser atacada por seus filhos, Coatlicue deu à luz o deus Huitzilopochtli, que já nasceu adulto, portando um escudo em uma das mãos e uma espada de fogo (ou de serpente) em outra. Com apenas um golpe, ele matou todos os 400 irmãos e, em seguida, decapitou sua irmã. E ela ficou triste. Assim, Huitzilopochtli arremessou a cabeça de sua irmã para o céu, convertendo-a na Lua. Após o seu sucesso, ele mesmo decidiu se transformar no Sol.

Este mito traz à tona, mais uma vez, a ideia do sacrifício, já que Huitzilopochtli dizimou seus 401 irmãos para que o Sol nascesse pela primeira vez. A versão clássica do mundo em permanente construção e destruição influenciou o pensamento de que, se não houvesse sacrifícios, o Sol perderia a sua força e uma nova aniquilação ocorreria. Com os sacrifícios, o Sol continuaria forte e adiaria a sua destruição. Outra possível influência de Teotihuacán nessa sociedade pode ser vista na associação de deuses com cobras, assim como o deus Quetzalcoatl. Para além do nascimento de Huitzilopochtli, com uma espada de cobra, sua mãe, Coatlicue (Mulher Serpente), é frequentemente representada por esses répteis.

Na terceira aula, retomamos as perguntas iniciadas anteriormente e levantamos outras indagações aos alunos sobre suas crenças. Por exemplo, o que pensavam a respeito dos deuses e como a humanidade surgiu. Levando em conta o contexto brasileiro, marcado pela religião cristã, investigamos o que entendiam por céu e inferno. Foram anotadas na lousa as impressões dos alunos. Em muitos casos, as reações beiravam à incredulidade, os alunos se mostraram surpresos pelo fato de os aztecas considerarem aquele relato como verdadeiro. Naquele

momento, nossa intervenção, como professores, se deu, primeiramente, conceituando o mito e sua função, afirmando que ele surgiu da necessidade de explicar o inexplicável, nomear o inominável, remetendo-se a tempos longínquos, que superam a memória do narrador. Ou seja, cumprindo a atribuição de dar respostas às perguntas sobre o mundo e seu funcionamento. Em seguida, retomando a investigação inicial a respeito das crenças dos alunos, mostramos que todas as culturas têm os seus mitos, sejam eles religiosos ou mesmo científicos, e todos incidem sobre o cotidiano. Assim, se moldam ações e juízos morais, tudo com vistas a dimensões míticas.

Utilizando as respostas que tivemos a respeito do que seria o céu, definido pelos alunos como um “lugar bom” ou de “recompensas”, traçamos um paralelo com a visão da guerra, da morte e dos sacrifícios Aztecas, que eram extremamente valorizados, pois, além do entendimento da essencialidade do sangue para a manutenção do mundo, um guerreiro morto em combate ascenderia aos altos céus e acompanharia o Sol no seu caminho celestial, se tornando, ele próprio, um raio solar.

Além da narração do mito, seguida da parte expositiva e dialogada, trabalhamos a análise de imagens com os alunos. Esse tipo de recurso pedagógico pode se mostrar útil, se as imagens não forem utilizadas como meras ilustrações, mas como fontes que contribuem para melhor entendimento do assunto estudado, pois, como afirma Eduardo Paiva (2006),

a iconografia é tomada agora como registro histórico realizado por meio de ícones, de imagens pintadas, desenhadas, impressas ou imaginadas (...). São registros com os quais os historiadores e os professores de História devem estabelecer um diálogo contínuo. É preciso saber indagá-los e deles escutar as respostas (PAIVA, 2006, p. 17).

Dessa maneira, apresentamos o retrato dos três deuses principais, Tezcatlipoca, Quetzalcoatl e Huitzilopochtli³. Assim, os alunos puderam se familiarizar com certos aspectos presentes no cotidiano e no imaginário, nas mentalidades daqueles povos, ressaltando alguns dos elementos integrantes das figuras, como cores, formas, posição corporal, objetos de guerra, penugens, serpentes, etc. O objetivo foi estimular o olhar crítico em relação às imagens, a capacidade de interpretá-las, analisando o discurso não verbal e a ideia que se deseja transmitir, ou seja, toda a significação comunicada no retrato das divindades

³ A seguir, links para visualização das imagens utilizadas nas aulas:
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Quetzalcoatl_and_Tezcatlipoca.jpg;
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Huitzilopochtli>.

De modo geral, tencionamos ressaltar o impacto dos mitos no imaginário coletivo e, no caso da civilização azteca, seu importante papel, ao conferir sentido à realidade, influenciando em suas práticas e visão de mundo. As narrativas embasavam as crenças, norteavam os costumes e justificavam as ações, dando forma à sua cultura e identidade. Além disso, a associação dos mitos e dos principais deuses do panteão azteca expressa uma longevidade de processos históricos e a influência existente no contato de diferentes grupos.

Como conclusão das atividades, foi solicitado aos alunos que realizassem uma pesquisa referente ao mito que retratasse a história do seu bairro, de sua cidade ou do Estado do Espírito Santo. A narrativa deveria ser digitada em folha de papel ofício e ilustrada. Na próxima aula, seria organizado um painel com exposição de todos os trabalhos e leitura das narrativas daqueles que assim o desejassem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos casos expostos, nossa intenção não foi esgotar o conteúdo histórico, contudo, acreditamos serem válidos alguns apontamentos quanto ao uso da narrativa mitológica, tanto para informar acerca de um traço importante de muitos povos, quanto para construir pontes com o presente, aproximando os estudantes do período a ser estudado.

Trabalhar o mito no ensino de História não está resumido à função lúdica de prender a atenção dos alunos, apesar dessa potencialidade ser real – pois se pôde perceber, na prática, o interesse pelo relato –, ou uma espécie de estória para aliviar a tensão, precedendo o adentramento ao conteúdo verdadeiro, com uma abordagem exclusivamente militar, política e/ou econômica. As duas abordagens – a que tem um enfoque nos aspectos supracitados e a que ressalta aspectos culturais, mentais e narrativos, como o mito – podem confluír num todo histórico, pois pertencem conjuntamente à realidade dos povos. Todos os grupos humanos possuem dinâmicas e necessidades concretas que são explicadas por arranjos políticos e econômicos. Ao mesmo tempo, boa parte possui, nos mitos, o motivador de muitos desses arranjos.

Assim, o mito pode ser percebido como parte integrante do conteúdo ministrado, pois encontra-se presente nas simbologias e representações que diversos povos têm de si mesmos e do mundo à sua volta. Tal narrativa, que vem da tradição oral, não deve ser entendida como mentira ou falsidade, antes, como uma explicação originária que não tem evidência científica – nem se propõe a ter – e cumpre a função de unir os povos em torno de um passado comum.

Consequentemente, os une ao redor de uma mesma visão de futuro. Ou seja, o mito pode ser visto como um elemento unificador, de homogeneidade e identidade partilhada por uma sociedade ou grupo; uma importante ferramenta para compreender as sociedades antigas e atuais, no diálogo entre épocas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

249

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2012.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo, Ática, 2000.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

LOPES, Eliana da Cunha. **O mito como símbolo da fundação de Roma, segundo o III livro dos Fastos de Ovídio**. Cadernos do CNLF – Anais do XVI CNLF, FGS, Rio de Janeiro, 2012, Vol. XVI, N° 04.

PAIVA, Eduardo França. **História & imagens**. 2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza. **Narrativas, imagens e práticas sociais: percurso em história cultural**. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008.

REINKE, André Daniel. **Os outros da Bíblia: história, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

ROCHA, Arlindo Nascimento. **Mito & Mitos: Origem, natureza e limites**. [s.l]: [s.n], 2018.

ROCHA, Everaldo. **O que é mito**. São Paulo, Brasiliense, 1996.

SOUSTELLE, Jacques. **Os astecas na véspera da conquista espanhola**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.